

CORPO E SEUS EMBARALHAMENTOS... FLUXOS E OUTRAS SENSAÇÕES

Marcelo Valente de Souza¹
Paulo César Lopes²
Thamiris Cristiane dos Santos Silva³

*“Todo dia a insônia
Me convence que o céu
Faz tudo ficar infinito
E que a solidão
É pretensão de quem fica
Escondido fazendo fita...
Todo dia tem a hora
Da sessão coruja
Só entende quem namora
Agora vão'bora...
Estamos bem por um triz
Pro dia nascer feliz
Pro dia nascer feliz
O mundo inteiro acordar
E a gente dormir, dormir
Pro dia nascer feliz
Pro dia nascer feliz
O mundo inteiro acordar
E a gente dormir...
Todo dia é dia
E tudo em nome do amor
Ah! Essa é a vida que eu quis
Procurando vaga
Uma hora aqui, a outra ali
No vai e vem dos teus quadris...
Nadando contra a corrente
Só pra exercitar
Todo o músculo que sente
Me dê de presente o teu bis
Pro dia nascer feliz
Pro dia nascer feliz
O mundo inteiro acordar
E a gente dormir, dormir
Pro dia nascer feliz
Pro dia nascer feliz
O mundo inteiro acordar
E a gente dormir...”*

Pro Dia Nascer Feliz - FREJAT & CAZUZA, 1983

¹ Graduado em Arte pela Universidade da Amazônia. Professor na Universidade Estácio de Sá – FCAT (PA). E-mail: marcelo_boto@yahoo.com.br

² Estudante do Curso de Licenciatura em Pedagogia na Universidade Estácio de Sá – FCAT (PA). E-mail: carrapato93@hotmail.com

³ Estudante do Curso de Licenciatura em Pedagogia na Universidade Estácio de Sá – FCAT (PA). E-mail: thamiris.geo@gmail.com

Desembaralhando o corpo identidade

A poética de Freiját e Cazuzá, intitulada *Pro dia nascer feliz*, descreve um embaralhamento de corpos, que fluidifica elementos dispersos em um único corpo, estimulando, assim, o imaginário coletivo dos ouvintes e leitores da música. Dessa forma, não sabemos ao certo se o ato descrito nos versos da canção foi consumado com um homem ou com uma mulher e isso, definitivamente, poderia inquietar muitas pessoas. Sabemos pelos relatos, entrevistas e documentários, que Cazuzá na intimidade viveu sua sexualidade variante, mutante, possibilitou um exercício do corpo por outras vias, linhas e possibilidades. Experimentações que fogem às normas sociais e posturas clássicas do corpo puro, santo e dogmatizado.

Os movimentos e fluidez cantados por Freiját e Cazuzá, romperiam com o que seria “natural”, o “normal” da sociedade, experimentar e viver um corpo Entre, ser transversal no uso do seu corpo e na sua sexualidade. Por que tanta moralização e repressão? A tese de Freud é, ao longo do tempo, comprovada, afinal não é possível viver socialmente sem a repressão cultural. Ora, não se defende aqui uma rebelião cultural e social, mas porque não viver outros modos de expressões.

O corpo, como multiplicidade, como um campo vital, corpo terra, como grande razão como sugere Nietzsche (2011). Nessa perspectiva, há o total afastamento de uma tradição racionalista, intelectual e espiritualista, moralista, suprassensível para se pensar um corpo que passa pelo domínio dos afetos, do sensível, das paixões. Um corpo atravessado pela contingência, pela imanência que não está preocupado com o autêntico ou com o engano, corpo humano, não um corpo que precisa ser “compreendido”, “entendido” como pedem a biologia, a fisiologia, a psicologia, a genética, pois tudo isso diz respeito a um campo tardio de conhecimento.

Esse corpo faz a afirmação de uma subjetividade produzida a partir da heterogeneidade, que se aproxima muito mais da invenção, da criação, da arte compondo-se pelo exercício aberto, plural. O corpo não é uma unidade homogênea, um sujeito, ou personalidade que engendra uma subjetividade centrada, enclausurada em um *eu* como unidade, de fato, as relações que emergem por meio desse corpo múltiplo, plural é polifônica não “conhecendo nenhuma instância dominante de determinação” (GUATTARI, 1992, p. 11).

Esse aberto e múltiplo do corpo podem bem ser vistos pela literatura de Lispector (1980), no seu livro *Perto do Coração Selvagem*, pois aí o corpo não é uma unidade, é um desmanchamento, em prol dos afetos, dos desejos, das potências vitais e criativas. Joana, o personagem central, mostra um corpo vivo a partir dos seus movimentos singulares, mas Joana não é um sujeito, e sim intensidades.

Seu rosto era leve e impreciso, boiando entre os outros rostos opacos e seguros, como se ele ainda não pudesse adquirir apoio em qualquer expressão. Todo o seu corpo e a sua alma perdiam os limites, misturavam-se, fundiam-se num só caos, suave e amorfo, lento e de movimentos vagos como matéria simplesmente via. Era a renovação perfeita, a criação. (LISPECTOR, 1980, p. 92-93).

Nesse romance, há todo um trabalho de Joana em prol dos movimentos e de sua singularidade. O corpo de Joana é um bloco de sensações, de vibrações, há nesse livro toda uma aventura de um corpo não determinado, de um corpo imerso na imanência e nas suas contingências, lá, as palavras, que saem da boca de Joana, deslizam, as palavras são sons, são músicas, tal como o seu corpo,

Do pensamento tão íntimo que ouvindo alguém repetir as ligeiras nuances dos sons, Joana se surpreendia como se fora invadida e espalhada. Deixava até de

sentir a harmonia quando esta se popularizava — então, não era mais sua. Ou mesmo quando a escutava várias vezes, o que destruía a semelhança: porque seu pensamento jamais se repetia, enquanto a música podia se renovar igual a si própria — o pensamento só era igual a música se criando. Joana não se identificava profundamente com todos os sons. Só com aqueles puros, onde o que amava não era trágico nem cômico. (LISPECTOR, 1980, p. 28).

Um corpo colorido pelas potências da vida, de suas criações, que não deixa ser movido pelo igual, pelo semelhante, mas pelo que difere. Então, o corpo de Joana é um corpo ligado ou intercruzado por sons vitais, de afetos, de sensações, de força. Corpo móvel, corpo atravessado, cortado por suas intensidades, não um corpo fincado em estruturas, em identidades.

O corpo pontuado pelo personagem de Lispector (1980), percorre a grande razão, que vai para além de uma razão edificante, que pretende tudo dizer e explicar, que propõe a organização do mundo e do real, sendo que isso faz parte da pequena razão, que não é uma questão de tamanho, mas de expressão. Não digo que não sou a favor da razão, mas de uma razão não determinista, mecanicista, mas ligada ao imediato, ao mundo, ao interesse.

Esse corpo imbuído da grande razão é fincado na terra, diante da sua contingência, cujo lugar, o momento não está emanado em um *a priori*, e sim está implicado no que acontece, nos seus encontros, no de repente, no subitamente. Tudo isso quer dizer: um corpo implicado no vivo, na materialidade de suas relações, dando-se, contando-se e sendo. O corpo não está, ele faz a sua realização, sua construção. Portanto, corpo é sempre um possível tateante, assim, ele faz razão, por isso, ele pode se ver como vida humana.

Um corpo que faz um jogo, uma luta paradoxal, como forma de quebrar o senso comum e o bom senso, com o organismo para esboçar outras forças, outras potências inventivas.

Se o corpo organismo insiste, por meio de todo um processo da maquinaria social, caminhar pela profundidade, como se carregasse consigo o espírito de camelo encarnado em si, conforme Nietzsche (2011) descreve nas três transmutações do espírito, na obra *Assim Falou Zaratustra*, um corpo pesado pela norma, pela lei, pelo sistema de crueldade e julgamento, que tende a fixar todos os processos de culpa,

O que é pesado? Assim pergunta o espírito resistente, e se ajoelha, como um camelo, e quer ser bem carregado. O que é o mais pesado, ó heróis? Pergunta o espírito resistente, para que eu o tome sobre mim e me alegre de minha força. Não é isso: rebaixar-se, a fim de machucar sua avidez? Fazer brilhar sua tolice, para zombar de sua sabedoria? Ou é isso: deixar nossa causa quando ela festeja seu triunfo? Subir a altos montes, a fim de tentar o tentador? Ou é isso: alimentar-se das bolotas e da erva do conhecimento e pela verdade padecer fome na alma? Ou é isso: estar doente e mandar para casa os consoladores e fazer amizade com os surdos, que nunca ouvem o que querem? Ou é isso: entrar em água suja, se for a água da verdade, e então afastar-se das frias rãs e os quentes sapos? (NIETZSCHE, 2011, p. 27).

Esse sistema de punição que Nietzsche (2011) retrata pela imagem do camelo, como sendo o indivíduo que suporta a punição, a regra, os bons costumes, por que não consegue impor o seu corpo, a sua vida diante de si mesmo e que, por isso, o seu corpo é pesado porque suporta todos os fardos do mundo e, com isso, justifica a vida, aprisionado em valores identitários e eternos. Por outro lado, há um *entre lugar*, que não se sabe dizer, como se estivesse uma vida em espreita, uma intuição, vagos buracos, que levam o corpo a percorrer a superfície, o deslizamento, pois ele busca as intensidades, as forças plásticas e dinâmicas que comungam outras dimensões não explicáveis.

O corpo orgânico vaza

A seguir a pintura "*Les jours gigantesques*", Magritte (1928), que disponho nesta escritura, pois ele confunde o corpo organicista, o corpo identidade nesse texto tela.



Figura 1: "*Les jours gigantesques*", de René Magritte (1928)

Fonte: <<http://www.christies.com>>

A arte antecipa vários movimentos, antes mesmo das ciências duras, das ciências objetivas, que pontuavam como critério a neutralidade, um corpo neutro, objetivo, instrumentalizado pela razão objetiva, mecanicista, regular.

Assim, quando a arte mostra o corpo, não mostra com esses padrões racionais edificantes, a pintura de René Magritte faz um embaralhamento das ideias, bem como do corpo, tal como a ciência se mistura e se comunica hoje com outros setores, por entender que, permanecendo em sua neutralidade e objetividade, pouco pode avançar.

O corpo embaralhado na indefinição, posto por Magritte (1928), destaca o estranhamento com a identidade, com um núcleo central, com a unidade. Esse corpo se distingue e se mistura nas suas relações de movimento, de repouso, em relação a sua velocidade e a sua lentidão, ou mesmo em sua relação com as linhas duras e as linhas moles. A pergunta de Espinosa (1973): O que pode o corpo? É por saber de sua inclassificação, cada encontro compõe e decompõe um corpo, cada mistura o leva para outro lugar e outro movimento, assim o corpo não “é”, ele faz “e”.

Corpo instigado pelas potências vitais dos seus encontros, envolvendo com isso diferentes fluxos que o levam a cruzar eixos variados, complexos, arrastando-o em diversos gradientes que o levam para multiplicidades intensas, tal como o corpo de Joana de Lispector (1980), ou como o corpo de Alice, de Carroll (2009), descrito na obra *Alice nos Pais das Maravilhas* (1865).

Os modelos de subjetivação estão em todos os lugares (na família, na escola, na igreja, na indústria), mas quando se entende o corpo, não como uma unidade imóvel, fixa, ele se redesenha em outras linhas, menos endurecidas. Nesse sentido, o corpo não é uma essência, uma identidade, ele é sim, um conjunto de “forças e circunstâncias, permitindo, até mesmo outros modos de individuação que não remetam à ideia de identidade ou de sujeito” (DINIS, 2008, p. 357).

Magritte (1928), mostra essa provocação nessa tela texto inspiradora. Que se veja o corpo não petrificado em uma identidade, e sim o corpo vivo, envolvido por uma maquinação produtiva. Magritte (1928) pontua um embaralhamento, inclusive, para o sexo, talvez por entender que as linhas formais do corpo consistem em diferenciações, que podem aparecer de uma maneira mais ou menos flexível. Não trata de negar que o corpo também seja levado por processos de subjetivação rígidos que o envolve para determinadas finalizações, o corpo também se organiza para se manter vivo e circulando, tampouco se quer negar seus movimentos, suas flexibilidades.

Contudo, não há como negar que cotidianamente o corpo é levado a entrar em campos disciplinares, limitando seus movimentos, suas circularidades, suas fissuras, para se impor uma subjetividade, mas ele sacode em suas interações, em seus encontros, em suas vibrações. Porém, sua sacudida é mostrando que o seu possível centro é instável e seu território é vacilante, invadindo esse corpo para experimentações outras, intensivas, algumas vezes, que o põe em um máximo ou no mínimo grau de esforço, entretanto, não há ausência de consistência no corpo vivo e afeado.

A questão é que a razão, a ciência, o pensamento, tendem a querer classificar e identificar aquilo que é móvel, do mesmo modo que tendem a uma busca desenfreada a querer acompanhar para identificar ou classificar o movimento. Deleuze busca a arte, a pintura, o cinema, a literatura para denunciar, ou lembrar o movimento. As deformações e as forças que podem atravessar o corpo. Então, esse corpo que penso não trata de uma separação entre a ciência e a filosofia. Deleuze; Guattari (1992), por exemplo, insistiu na necessidade desses campos se comunicarem.

A obra de Magritte (1928), também embaralha os postulados e as proposições da lógica científica, o que convida o leitor, o estudioso, o pesquisador manejarem ou conectarem outros agenciamentos para pensar o corpo. Um corpo visto por outros contornos, menos mecanicista, para ser olhado, apreciado em vias mutantes, capaz de exercitar sua própria experimentação, suas conexões.

Para viver sua metamorfose é preciso produzir um corpo capaz de suportar o intempestivo, suportar o movimento alucinado das partículas desejanter que arrastam o eu para um mundo de devires, para uma linha de fuga. Sensibiliza-se cada microcélula. Impede-se que o corpo aja por automatismos, até o momento em que o desejo arrebeta a imobilidade e tece seu próprio movimento. (DINIS, 2008, p. 357).

Pode ser difícil no primeiro momento, contudo, possíveis leituras para outras linguagens, outras escritas menos totalitárias, que possam olhar o corpo como forças em conjunto que fazem distribuições, passagens, vias para modos de individuações abertos. Assim, quando trata de fazer uma crítica a ideia de objetividade, ou da noção estabelecida de objeto e passa para pensar a vida como coisa fluída, porosa, que perpassa por fluxos vitais, diz Ingold:

Partindo de Klee, os filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari (2004, p. 377) argumentam que, em um mundo onde há vida, a relação essencial se dá não entre matéria e forma, substância e atributos, mas entre *materiais* e *forças*. Trata-se do modo como materiais de todos os tipos, com propriedades variadas e variáveis, são avivados pelas forças do cosmo, misturadas e fundidas umas às outras na

geração de coisas. Na sua retórica, eles tentam superar a persistente influência de um modo de pensar as coisas e como elas são feitas e usadas que tem prevalecido no mundo ocidental. (INGOLD, 2012, p. 25).

Então, se para esse cientista o seu objetivo é desconstruir esses modelos enraizados, fixadores do corpo, da vida para pensar processos de formação ao invés de pontuar resultados, soluções, viabilidade, pois pensa a vida em transformação constante, vida múltipla, daí é possível notar que no interior das ciências ditas duras, os movimentos estão sendo fomentados em prol de outras palavras, de outras construções materiais, processos inventivos, criações, pontuações de outros movimentos corporais e vitais.

Um corpo que escorre e seja liso é para Brito (2015) um movimento de fuga, isto é, uma ação de criação, invenção que possibilita ao corpo se formar ou desformar de acordo com as experiências vividas pelo sujeito. O corpo pode se movimentar, contrapondo a normatividade, as regras e os padrões que são as amarras dos seres humano e acabam tornando os corpos fixos. Sendo assim, os corpos se locomovem, em uma invenção de linhas que geram fugas, para tanto, os corpos cavam suas próprias rachaduras, as bordas são criadas e produzem movimentos de fuga.

Brito (2015) salienta que é preciso problematizar na sociedade atual a questão da identidade dos sujeitos, afinal, na contemporaneidade pensar-se em um corpo fixo, absoluto, imutável, como uma essência é equivoco, e a autora infere:

Questionar a ontologia que está por trás da noção de representação, de semelhança, de generalidade e de identidade é algo fundamental para se escapar das essencialidades, da ideia de substancialidade, ou mesmo das ideias moralizantes e julgadoras que esse pensamento tende a representar. (BRITO, 2015, p. 288).

Para Deleuze & Guattari (2011) o corpo é uma máquina desejante fruto de conexões e desconexões que possibilita um corpo em movimento e, não, um corpo cristalizado. Sendo assim, tentar controlar os seres humanos seja por qual aparelho órgão for, não vai conter a máquina deseja, ou seja, a produção desejante sempre produz novas experiências.

O corpo desliza, é movimento sempre variável e, assim, não existe um ponto fixo que defina esse corpo que deseja (DELEUZE & GUATTARI, 2011). “[...] Há tão somente máquinas em toda parte, e sem qualquer metáfora: máquinas de máquinas, com seus acoplamentos, suas conexões [...]” (p. 11).

Tudo funciona concomitantemente nas máquinas desejantes, para Deleuze & Guattari (2011), sendo que numa existe uma reunião das partes no todo, porque há hiatos e rupturas, intermitências e curtos-circuitos. “[...] As disjunções, enquanto disjunções, são inclusivas. Os próprios consumos são passagens, devires e revires [...]” (p. 62). Dessa forma, o corpo é um devir e porvir, afinal, sua forma plena e acabada não existem e, mais, a criação e invenção são inerentes aos seres humanos.

Referências

BRITO, Maria dos Remédios. *Entre as linhas da educação e da diferença*. São Paulo: Livraria da Física, 2015.

CARROLL, Lewis. *Aventuras de Alice no país das Maravilhas; através do espelho e o que Alice encontrou por lá*. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

FREIJAT, Roberto & Cazuza. *Pro dia Nascer Feliz*. Canção de Barão Vermelho do álbum Barão Vermelho 2. Rio de Janeiro: Som Livre, 1983.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia I*. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DINIS, Nilson Fernandes. A esquizoanálise: um olhar oblíquo sobre corpos, gêneros e sexualidades. *Sociedade e Cultura*, Goiás, v. 11, n. 2, p. 355-361, jul./dez. 2008.

ESPINOSA, Baruch. *Ética* (Coleção Os Pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1973.

GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. In. *Revista Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012.

LISPECTOR, Clarice. *Perto do Coração Selvagem*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1980.

MAGRITTE, René. "Les jours gigantesques". (1928). Disponível em: <<http://www.christies.com/lotfinder/paintings/rene-magritte-les-jours-gigantesques-5584761-details.aspx>>. Acesso em 16/03/2015.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim Falou Zaratustra*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.